

FÓRUM 2

1. De acordo com a autora, como se pode definir turistificação? Concorda com esta definição?

De acordo com a autora, "... a turistificação é um processo de mudança causada pelo aumento do número de turistas, está associada à reconfiguração do papel dos atores, designadamente das autoridades públicas locais e dos investimentos internacionais, e tem impactes no acesso à habitação, nas facilidades comerciais e de serviços, no espaço público, na qualidade de vida e na própria paisagem urbana." Concordo com a afirmação da autora, uma vez que, de facto, a atividade turística impõe modificações significativas sobre o território. De acordo com Barros (1998) e Leite (2008), o turismo quer como atividade económica, quer enquanto atividade social tem a capacidade de provocar profundas alterações nos territórios, sejam elas negativas ou positivas. Também Troitiño e Troitiño consideram que a turistificação, enquanto sujeição dos territórios às demandas do setor turístico, tem importantes efeitos em termos sociais e no território. A apropriação de espaços para funções turísticas transforma-os em territórios de prestação de bens e serviços, para satisfação de turistas e excursionistas, turistificando-os.

2. Distinga o turismo contemporâneo (pós-turismo) do turismo massificado da 2ª metade do séc. XX.

O "**turismo de massas**", que marcou a 2ª metade do séc. XX mostrava concentração temporal nos períodos de férias destinadas ao descanso e recuperação da energia para um novo ano de trabalho. Fossem férias de verão, em lugares de sol e mar, ou de inverno, em zonas montanhosas e com neve, ambos os destinos eram não urbanos.

Nos anos 1990 a sociedade sentiu uma acentuada mudança em termos comportamentais, com o aumento do rendimento das famílias, o crescimento das economias, as novas tecnologias, transportes e comunicações. As viagens tornaram-se acessíveis aos cidadãos comuns, o que permitiu a sua popularização e a conseqüente facilidade de deslocação. Viajar era nessa época um "bem" adquirido, presente no quotidiano e na vida das pessoas. O "**turismo de massas**" prevaleceu, permitindo aos turistas a escolha de locais inter - continentais, bem como a procura por um clima e temperaturas tropicais, oferecidos por oportunidades de baixo custo.

Segundo Teresa Barata Salgueiro, o **turismo contemporâneo (pós turismo)** caracteriza-se "... por uma maior diversidade de segmentos e modalidades, algumas destinadas a verdadeiros nichos de consumidores. *City breaks*, turismo cultural, de negócios, de congressos, de saúde, de compras, entre muitos outros. As estadas têm dimensões muito variadas, tendem a processar-se de forma mais segmentada ao longo do ano e o destino é, cada vez mais, cidadão."

O turismo cresce, em termos de complexidade da procura, tendências, oferta, indústria, gestão e instrumentos de planeamento, o seu desenvolvimento em torno de produtos turísticos é substituído por uma nova perspetiva de valorização das experiências e sensações adquiridas pelos turistas nos locais que visitam.

Teresa Barata Salgueiro considera que nas alterações sofridas pela atividade turística emerge um novo perfil de turista que pretende conhecer novos sítios e culturas mas, ao mesmo tempo, procura sentir a cidade a partir de dentro, com o olhar de um residente. Recorrendo com frequência aos voos *low-cost*, alguns destes 'novos turistas' evitam o alojamento hoteleiro em favor do de curta duração que lhes oferece uma experiência de vida pretensamente mais autêntica. Esta é uma nova realidade do turismo, que promove uma nova indústria, novos mercados turísticos, novas formas e novos instrumentos de gestão e planeamento no setor turístico.

3. Transcreva um excerto do texto que evidencie o carácter contraditório da turistificação (aspectos positivos vs. aspectos negativos).

“Os processos de turistificação dão-se em paralelo com importante intervenção no edificado e no espaço público, trazem crescimento das actividades económicas e do emprego, mas têm também efeitos perversos, porque reduzem drasticamente a oferta de casas para arrendar inflacionando o valor dos alugueres, negam o acesso ao lugar a residentes expulsos de suas casas e bairros, violam a privacidade e segurança de alguns edifícios e contribuem para a descaracterização dos lugares. Processo com grande vitalidade, enche algumas zonas da cidade de turistas, é objecto de controvérsia social e política e presença constante nos media.”

4. Em que medida se pode falar em financeirização da habitação?

A construção urbana é uma atividade que requer montantes muito apreciáveis, que ficam imobilizados durante bastante tempo, o que explica a sua grande dependência do crédito. O crescimento do crédito à habitação constitui um dos desenvolvimentos mais marcantes do capitalismo contemporâneo, em particular no âmbito daquilo que a literatura crítica designa por “financeirização” e que se refere aos processos que conduziram ao crescente peso económico e à influência política do setor financeiro e dos seus agentes nas economias, empresas, nos Estados e famílias (Epstein, 2005; Aalbers, 2016).

No último quartel do século xx, o crédito à habitação passou de um para dois terços do crédito total concedido pela banca, substituindo a sua tradicional vocação de financiamento às empresas (Jordá, Schularick e Taylor, 2015). Esta evolução do mercado hipotecário é reveladora do papel da habitação nas economias capitalistas mais desenvolvidas, ao contribuir como nenhum outro setor para a expansão da finança. Talvez mais significativo ainda seja o papel que a habitação assume na transmissão dos impactes socioeconómicos e territoriais da financeirização, seja através da interação com atividades económicas conexas (por exemplo a construção, o imobiliário, o turismo) em detrimento de outras com maior potencial socioeconómico, seja através da provisão deste bem tão essencial às famílias.

Vários autores já notaram que a financeirização da habitação, isto é, o crescente peso da finança e dos seus agentes na provisão deste bem, está intrinsecamente relacionada com a sua mercadorização, ou seja, com a sua transformação em produto concebido para transação no mercado, tendo como principal propósito a realização do seu valor de troca e não o seu valor de uso ou a satisfação das necessidades habitacionais (cf. por exemplo Aalbers, 2016). A financeirização da habitação associa-se também, e cada vez mais, à metamorfose da habitação em ativo financeiro, isto é, em investimento baseado na expectativa de valorização rápida do seu valor de troca (entre outros, Fernandez, Hofman e Aalbers, 2016). O arrendamento de curta duração surge como uma modalidade de gerar lucros no domínio do alojamento, que exemplifica a consideração da habitação do ponto de vista do seu valor de troca em detrimento do valor de uso.

Num estudo recente sobre as economias capitalistas mais avançadas, incluindo Portugal, Jordá et al. (2017) mostram que, de facto, a habitação se tornou o melhor investimento do ponto de vista das taxas de rentabilidade oferecidas e da estabilidade destas.

Sónia Carvalho